



DORIS KEARNS GOODWIN

LINCOLN

LIVRO QUE BASEOU O FILME DE STEVEN SPIELBERG



DORIS KEARNS GOODWIN

LINCOLN

Tradução de
Waldéa Barcellos
1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

Goodwin, Doris Kearns.

G655L

Lincoln [recurso eletrônico] / Doris Kearns Goodwin ; tradução de Waldéa Barcellos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2013.

Recurso digital

Tradução de: Team of rivals

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40277-6 (recurso eletrônico)

1. Lincoln, Abraham, 1809-1865. 2. Lincoln, Abraham, 1809-1865 - Visão política e social. 3. Presidentes - Estados Unidos - Biografia 4. Estados Unidos - Política e governo 5. Livros eletrônicos. I. Título.

13-0434

CDD: 923.173

CDU: 929:32(73)

Título original em inglês:

TEAM OF RIVALS

Copyright © 2005 by Blithedale, Inc.

Versão reduzida, editada pela autora.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Proibida a venda desta edição em Portugal e resto da Europa.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40277-6

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento direto ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



INTRODUÇÃO

Em 1876, o orador Frederick Douglass proferiu o discurso de inauguração de um monumento em Washington, D.C., erguido por negros americanos em homenagem a Abraham Lincoln. O ex-escravo disse ao público que não havia “nesta ocasião, necessidade de falar longamente e de forma crítica a respeito desse grande e bom homem e de sua elevada missão no mundo. Isso já foi feito à exaustão. (...) Todo o campo de fatos e fantasias já foi colhido, recolhido e armazenado. Qualquer um pode dizer coisas verdadeiras sobre Abraham Lincoln, mas ninguém pode dizer nada de novo a respeito dele”.

Discursando apenas 11 anos após a morte de Lincoln, Douglass não dispunha de distanciamento suficiente para aquilatar o fascínio que esse líder simples, porém complexo, sagaz, porém transparente, terno, porém inquebrantável, exerceria ao longo de gerações de americanos. Nos quase duzentos anos desde seu nascimento, incontáveis historiadores e escritores descobriram novos documentos, apresentaram novas abordagens e desenvolveram uma compreensão cada vez mais profunda do 16º presidente dos Estados Unidos.

Em meu esforço de lançar luz sobre o caráter e a carreira de Abraham Lincoln, fiz uma associação do relato de sua vida com a história dos homens extraordinários que foram seus rivais na indicação para a candidatura à presidência pelo Partido Republicano em 1860: o senador de Nova York, William H. Seward, o governador de Ohio, Salmon P. Chase, e o sábio e ilustre estadista do Missouri, Edward Bates. Quando Lincoln saiu vitorioso, cada um de seus célebres rivais acreditou que o homem errado tinha sido escolhido.

Lincoln parecia ter surgido do nada — um advogado interiorano que passara pela Câmara de Representantes, num mandato medíocre, e perdera duas eleições consecutivas para o Senado americano. Os contemporâneos atribuíram sua surpreendente indicação à sorte, à sua posição moderada quanto à escravidão e ao fato de ele ser oriundo do Estado de Illinois, indefinido quanto a apoiar os republicanos ou os democratas. No entanto, como veremos, a vitória de Lincoln, em particular quando comparada com os esforços de seus rivais, deveu-se em grande parte a uma acuidade política notável e imprevista, bem como a uma força emocional moldada no cadinho da adversidade e do infortúnio.

Que Lincoln, depois de eleito presidente, tenha tomado a decisão sem precedentes de incorporar seus ilustres rivais à sua família política — o Gabinete — constituiu uma prova de autoconfiança fora do comum e uma indicação do que se revelaria aos outros uma grandeza totalmente inesperada. Seward foi nomeado secretário de Estado, Chase, secretário do Tesouro, e Bates, secretário da Justiça. Lincoln nomeou três ex-democratas para os demais postos de primeiro escalão: Gideon Welles foi o secretário da Marinha, Montgomery Blair foi nomeado secretário dos Correios, e Edwin M. Stanton veio a se tornar secretário da Guerra. Todos os membros da Administração de Lincoln eram mais conhecidos, tinham mais instrução e eram mais experientes na vida pública do que ele. A presença deles no Gabinete poderia ter ameaçado suplantando o obscuro advogado interiorano de Springfield.

No entanto, logo ficou claro que Abraham Lincoln emergiria como o capitão incontestado desse Gabinete extremamente inusitado, uma verdadeira equipe de rivais. Os poderosos concorrentes, que haviam no início desdenhado Lincoln por sua ingenuidade e ignorância, tornaram-se

colaboradores, que o ajudaram a conduzir o país durante os tempos mais difíceis por que passou.

O crescimento do gênio político de Lincoln é revelado na impressionante abundância de documentos deixados por esses concorrentes transformados em colaboradores. Seus diários, declarações a terceiros e cartas trocadas com familiares, amigos e contemporâneos fornecem incontáveis episódios e lembranças que se fundem num quadro mais humano e cheio de nuances. Vemos Lincoln relaxando tarde da noite na casa de Seward, as longas pernas esticadas diante de uma lareira chamejante. Ouvimos seu humor curioso e contagiante, no impacto da conclusão de suas histórias prediletas, e presenciamos discussões tumultuadas do Gabinete a respeito da emancipação e restauração da União. Existem relatos emocionantes das inúmeras visitas de Lincoln ao front, em que sua presença generosa e sua compreensão impregnada de empatia pela situação dos soldados levantaram o moral deles assim como o seu. Podemos sentir a tensão debilitante na sala dos telégrafos, quando ele aperta a mão de Stanton à espera de boletins do campo de batalha. Reunidas, essas percepções e perspectivas permitem-nos um vislumbre íntimo de uma figura monumental.

O emprego dessa abordagem coletiva e comparativa deu também vida às mulheres diferentes e extraordinárias que ajudaram a moldar os acontecimentos daquela época crucial. As mulheres e filhas desses homens influenciaram profundamente suas decisões, tanto políticas quanto particulares. Muitas, como Mary Lincoln, demonstraram uma inteligência singular e impressionante, além de uma ambição poderosa. A ardorosa idealista Frances Seward atuou como a consciência social de seu marido. A bela Kate Chase transformou a busca do pai pela presidência na paixão determinante de sua vida, ao passo que a dedicada Julia Bates criou um lar acolhedor, que fez com que o marido se desinteressasse aos poucos de ambições públicas. Os diários e as cartas dessas mulheres fornecem uma nova oportunidade de apreciar os mundos público e particular de Washington.

No decorrer dos dez anos que levei para escrever este livro, muitas vezes me perguntaram o que mais me surpreendeu sobre Lincoln. Apesar de seu indubitável temperamento melancólico, durante os períodos mais desalentadores da guerra ele jamais deixou de encorajar seus colaboradores e sua nação com sua generosidade, seu dom para contar casos e seu humor que sempre reafirmava a vida. Quando ressentimentos e dissensões ameaçavam destruir sua Administração, ele não se deixava provocar por queixas insignificantes, não se entregava à inveja nem ficava remoendo desfeitas que tivesse percebido. Lincoln possuía qualidades raras que lhe possibilitavam fazer amizade com homens que outrora haviam sido seus oponentes; remediar sentimentos feridos que, negligenciados, poderiam ter se transformado em hostilidade permanente; assumir a responsabilidade pelos fracassos de seus subordinados; compartilhar, sem esforço, o crédito por sucessos; e aprender com os próprios erros. Ao longo das pressões aterradoras que enfrentava dia após dia, ele jamais perdeu a fé em si mesmo ou na causa de seu país. Enquanto outros eventualmente se rendiam ao desespero, sua inquebrantável determinação de salvar a União jamais esmoreceu.

Há mais de trinta anos trabalhando como historiadora, escrevi sobre líderes que conhecia, como Lyndon Johnson, e entrevistei dezenas de amigos próximos da família Kennedy, bem como muitas pessoas que conheceram Franklin Roosevelt, líder talvez tão indispensável, à sua própria maneira, para a direção política e social do país quanto o foi Lincoln. Após conviver com o assunto de Abraham Lincoln por uma década, ler o que ele mesmo escreveu e o que centenas de outras pessoas escreveram a respeito dele, e depois de acompanhar a trajetória de sua ambição e

as reações dos que se esforçaram por aceitar seu crescimento sem igual, e de observar como lidou com as terríveis privações de sua infância, com a morte dos filhos e com o horror em que a nação inteira foi mergulhada, acredito que, passados quase dois séculos, Abraham Lincoln conserva o poder de emocionar.

No dia 18 de maio de 1860, dia em que o Partido Republicano faria a indicação de seu candidato a presidente, Abraham Lincoln acordou cedo. Enquanto subia a escada para seu modesto escritório de advocacia, no lado oeste da praça pública de Springfield, Illinois, o café da manhã era servido no hotel Chenery House, de 130 quartos, na Fourth Street. Manteiga fresca, farinha de trigo, banha e ovos eram postos à venda no armazém da cidade na North Sixth Street. E no jornal matutino os proprietários da Smith, Wickersham & Company anunciavam a chegada de um grande estoque de primavera, que incluía seda, morim, riscado e linho, junto com um novo suprimento da última moda em roupas de baixo, meias e luvas.

Os republicanos haviam decidido reunir-se em Chicago. Um novo centro de convenções apelidado de “Wigwam”* fora construído para a ocasião. O primeiro escrutínio não ocorreria antes das 10 horas da manhã, e Lincoln, apesar de paciente por natureza, estava visivelmente “nervoso, irrequieto e num estado de agitação intensa”. Com uma chance remota de conseguir a indicação pelo Partido Republicano para a candidatura ao mais elevado posto do país, ele não conseguia se concentrar no trabalho. Mesmo em circunstâncias normais, muitos teriam achado difícil o esforço de concentração, naquele escritório bagunçado que Lincoln dividia com William Herndon, seu sócio mais jovem. Duas mesas de trabalho com pilhas de papéis e correspondência formavam um T no centro da sala. Mais documentos e cartas transbordavam das gavetas e dos escaninhos de uma escrivaninha antiquada, que ficava no canto. Quando precisava de uma correspondência em particular, Lincoln tinha de vasculhar pilhas desordenadas de papéis, inspecionando, como último recurso, o interior do forro de seu velho chapéu, onde tinha o hábito de colocar provisoriamente cartas ou bilhetes.

Ao descer em desassossego para a rua, Lincoln passou pelo prédio da Assembleia Legislativa Estadual, um pouco recuado da calçada, e pelo campo aberto onde jogava handebol com os amigos, e subiu por um pequeno lance de escadas que levava ao escritório do *Illinois State Journal*, o jornal republicano local. A sala dos editores no segundo piso, com uma grande estufa a lenha no centro, era um lugar de reunião para troca de notícias e fofocas.

Ele seguiu então para a agência dos telégrafos na parte norte da praça, para ver se haviam chegado novos comunicados. Quando soube da volta inesperada, na noite anterior, de seu amigo de longa data, James Conkling, que comparecera à convenção, Lincoln foi ao escritório dele, acima da joalheria Chatterton. Ao ser informado de que Conkling só estaria ali dentro de uma hora, ele voltou para seu próprio escritório, pretendendo retornar assim que o amigo chegasse.

A basta cabeleira negra de Lincoln, seu rosto escuro sulcado e os olhos fundos faziam com que parecesse ter mais do que os seus 51 anos. Ele era uma figura conhecida de quase todos em Springfield, assim como era conhecida sua singular maneira de andar, que dava a impressão de que sua constituição longa e macilenta precisava ser azeitada. Ele tinha o andar pesado e desajeitado, mãos pendentes ao lado do corpo ou cruzadas nas costas. Seus passos não tinham elasticidade, lembrou seu sócio William Herndon. Ele levantava o pé inteiro de uma vez, sem se apoiar nos dedos dos pés; e quando pisava, era com o pé inteiro novamente, e não com os calcanhares. “Suas pernas”, reparou outro observador, “pareciam se arrastar dos joelhos para baixo, como as pernas de um trabalhador voltando para casa depois de um dia pesado de labuta.”

Seus traços, até mesmo seus seguidores admitiam, não eram “os de um homem bonito”. Quando em repouso, seu rosto ficava “de tal modo tomado de tristeza”, observou o jornalista Horace White, que parecia que o “melancólico Jacques de Shakespeare tinha sido trasladado da floresta de Arden para a capital de Illinois”. Contudo, quando Lincoln começava a falar, segundo White, “aquela expressão de pesar sumia de forma instantânea. Seu rosto se iluminava com um sorriso cativante, e onde pouco antes eu tinha visto uma tristeza opressiva, agora percebia uma inteligência aguda, um coração de genuína bondade e a promessa de amizade verdadeira”.

Lincoln residia em Springfield havia quase um quarto de século. Tinha chegado à jovem cidade para trabalhar como advogado aos 28 anos de idade, entrando ali, conforme recorda seu grande amigo Joshua Speed, “montado num cavalo emprestado e sem nenhum pertence além de um par de alforjes com poucas roupas”.

Ali, em Springfield, na mansão Edwards no alto da colina, Lincoln cortejou e desposou “a bela da cidade”, a jovem Mary Todd, que viera morar com sua irmã Elizabeth, casada com Ninian Edwards, o próspero filho do ex-governador de Illinois. Criada numa proeminente família de Lexington, Kentucky, Mary recebera uma educação muito superior à da maioria das moças de sua idade. Estudara línguas e literatura durante quatro anos num seletivo colégio interno, e então passara mais dois anos no que era considerado ensino superior.

Conta-se que Lincoln conheceu Mary numa festa animada. Cativado pela vivacidade da jovem, por sua expressão inteligente, seus olhos de um azul límpido e seu sorriso que formava covinhas, Lincoln lhe disse: “Estou doido para dançar com você.” Mais tarde naquela noite, Mary disse entre risos a seu primo: “E ele dançou feito doido, mesmo.” Todos os filhos de Lincoln nasceram em Springfield, e um foi enterrado lá. Naquela primavera de 1860, Mary tinha 42 anos, Robert, 17, William, 9 e Thomas, 7. Edward, o segundo filho, morreu quando tinha 3 anos de idade.

Durante os anos que viveu em Springfield, Lincoln formara um círculo de amigos de uma lealdade excepcional. Esses amigos trabalharam com ele no legislativo estadual, ajudaram-no em suas campanhas para o Congresso e o Senado, e agora, nesse exato momento, orientavam os esforços dele na convenção de Chicago. Garantiram-lhe estar “movendo céus e terras” na tentativa de assegurar sua indicação. Entre esses companheiros de lealdade inabalável estavam David Davis, juiz do Tribunal Itinerante da Oitava Comarca, cujo corpo de mais de 130 quilos combinava com “um grande cérebro e um grande coração”; Norman Judd, advogado das ferrovias e presidente do comitê central republicano do Estado de Illinois; Leonard Swett, advogado vindo de Bloomington, que acreditava conhecer Lincoln “tão profundamente como jamais conhecera outro homem na vida”; e Stephen Logan, advogado sócio de Lincoln por três anos no início da década de 1840.

Muitas dessas amizades haviam sido construídas durante a experiência compartilhada da “itinerância”, as oito semanas de cada primavera e outono em que Lincoln e seus companheiros advogados viajavam juntos por todo o Estado. Eles dividiam quartos e, algumas vezes, camas em hospedarias e tavernas de vilarejos empoeirados, onde passavam longas noites reunidos em volta de uma lareira acesa. A vida financeira de quem abraçava a advocacia no Illinois escassamente povoado era tal que os advogados precisavam percorrer o Estado, acompanhando o juiz itinerante, trabalhando em milhares de pequenos casos para sobreviver. A chegada dos advogados viajantes proporcionava vida e vitalidade às sedes dos condados, recordou-se o companheiro dessas viagens Henry Whitney. Habitantes dos vilarejos reuniam-se na escada do tribunal. Quando terminavam as sessões, todos seguiam para a taverna local e lá ficavam do

anoitecer até o sol raiar, bebendo e contando casos, em grande animação.

Nesses ambientes sociáveis, Lincoln era invariavelmente o centro das atenções. Ninguém chegava a seus pés, quando se tratava de seu manancial de histórias; tampouco no que dizia respeito à hilaridade contagiante com a qual ele as contava. À medida que seus relatos rocambolescos se tornavam mais famosos, multidões de moradores de lugarejos esperavam por sua chegada a cada parada, para ter a chance de ouvir um mestre da arte de contar histórias. Em todos os lugares aonde ia, Lincoln conquistava seguidores dedicados, amizades que mais tarde incentivaram sua busca por um mandato. A vida política naqueles anos, segundo observou o historiador Robert Wiebe, “resumia-se a aglomerados de homens ligados pela confiança mútua”. E nenhum círculo político tinha uma ligação de maior lealdade que o grupo de compatriotas que trabalhava para Lincoln em Chicago.

As perspectivas para sua candidatura tinham decolado em 1858, depois de sua brilhante campanha contra o temível líder democrata Stephen Douglas, numa corrida dramática pelo Senado em Illinois, que atraiu a atenção de todo o país. Embora Douglas tivesse vencido por uma pequena margem, Lincoln conseguiu unir os elementos díspares do incipiente Partido Republicano de seu Estado — aquela estranha amálgama de *ex-Whigs***, democratas antiescravagistas, nativistas, estrangeiros, radicais e conservadores. Em meados da década de 1850, o Partido Republicano tinha se organizado, Estado após Estado no norte, com o propósito comum de impedir que a escravidão se difundisse por seus territórios. “A partir de elementos estranhos, discordantes e até hostis”, afirmou Lincoln, cheio de orgulho, “que reunimos de todos os cantos, nós iniciamos e travamos a batalha até o fim.” A história da ascensão de Lincoln ao poder estava intimamente ligada à força crescente da causa antiescravagista. O sentimento público sobre a questão da escravidão tinha se tornado tão inflamável que os sete debates entre Lincoln e Douglas foram publicados em jornais de todo o país, revelando que o advogado provinciano de Springfield era um adversário mais do que à altura para enfrentar o mais provável indicado pelo Partido Democrata à presidência.

À medida que crescia o renome de Lincoln, multiplicavam-se os convites para ele discursar. No ano anterior à convenção, ele se apresentou para dezenas de milhares de pessoas em Ohio, Iowa, Indiana, Wisconsin, Kentucky, Nova York e na Nova Inglaterra. Ele alcançou o auge de seu sucesso na Cooper Union, em Nova York, onde, na noite de 27 de fevereiro de 1860, perante uma multidão arrebatada de mais de 1.500 pessoas, Lincoln apresentou o que o *New York Tribune* chamou de “uma das mais felizes e convincentes argumentações políticas jamais proferidas nesta cidade” em defesa dos princípios republicanos e da necessidade de restringir a escravatura aos lugares onde ela já existia.

O sucesso de Lincoln no leste estimulou seus seguidores em seu Estado. No dia 10 de maio, a entusiástica convenção estadual dos republicanos em Decatur indicou o nome de Lincoln para a presidência, rotulando-o como “o Candidato Lenhador para Presidente”, depois que duas travessas para cercas, que ele supostamente teria partido em sua juventude, foram trazidas com cerimônia para dentro do centro de convenções. Na semana seguinte, o poderoso *Chicago Press & Tribune* deu seu apoio formal a Lincoln, argumentando que sua política moderada representava o pensamento da maioria das pessoas e que ele entraria na disputa “sem nenhum empecilho, nenhum embaraço”, um “homem honesto” que representava todos os “fundamentos do republicanismo”, com “o devido respeito pelos direitos do sul”.

Ainda assim, Lincoln compreendia perfeitamente que era “novo nesse campo”, que, fora de

Illinois, ele não era “a primeira escolha da grande maioria”. A única experiência política que possuía em nível nacional consistia em duas candidaturas malogradas para o Senado e em um único mandato no Congresso, que tinha terminado quase doze anos antes. Os três outros concorrentes à indicação, em comparação, eram nomes familiares nos círculos republicanos. William Henry Seward tinha sido um célebre senador de Nova York por mais de uma década e governador de seu Estado por dois mandatos, antes de ir para Washington. Salmon P. Chase, de Ohio, também tinha sido senador e governador, além de ter desempenhado um papel crucial na formação do Partido Republicano nacional. Edward Bates era um velho estadista amplamente respeitado, tendo sido um dos delegados na convenção que elaborou a Constituição do Missouri e um ex-congressista que ainda era muito consultado para emitir opiniões sobre assuntos nacionais.

Ao reconhecer que Seward liderava no início, seguido de Chase e Bates, Lincoln adotou a estratégia de não ofender nenhum deles. Ele queria deixar os delegados “dispostos a vir até nós, caso se sintam compelidos a abandonar sua primeira escolha”. Isso ficou bem claro para a equipe de Lincoln em Chicago e para todos os delegados que o Juiz Davis tinha convocado para se juntarem à luta. “Estamos trabalhando para torná-lo a segunda opção de todas as delegações que pudermos, nos lugares em que não conseguirmos fazer de você a primeira opção”, disse a Lincoln o delegado do Condado de Scott, Nathan Knapp, assim que chegou a Chicago. “Mantenha-se calmo”, aconselhou Knapp, “não se surpreenda com resultado nenhum — mas eu lhe digo que suas chances não são as piores... prepare-se para qualquer resultado”. À recomendação de Knapp seguiu-se outra do próprio Davis no segundo dia da convenção. “Estou muito esperançoso”, disse a Lincoln em tom de advertência, mas “não fique entusiasmado”.

Os avisos eram desnecessários — acima de tudo, Lincoln era um realista, que compreendia perfeitamente que enfrentava uma luta duríssima contra seus rivais muito mais conhecidos. Ansioso por ter um quadro mais nítido da situação, ele voltou ao escritório de Conkling, na esperança de seu velho amigo ter retornado. Dessa vez, não se decepcionou. Segundo a história contada tempos depois por Conkling, Lincoln refestelou-se num canapé que ficava perto da janela da frente, “a cabeça sobre uma almofada e os pés sobrando, na outra extremidade”, enquanto Conkling relatava tudo o que vira e ouvira nos dois dias anteriores, antes de deixar o Wigwam. Ele contou a Lincoln que Seward enfrentava problemas, que tinha inimigos não apenas em outros Estados, mas também em casa, em Nova York. Caso Seward não saísse vitorioso no primeiro escrutínio, previu Conkling, Lincoln seria o indicado.

Lincoln retrucou que considerava “difícil que isso fosse possível e que, no caso de o sr. Seward não ser indicado no primeiro escrutínio, sua opinião era que a indicação iria para o sr. Chase, de Ohio, ou o sr. Bates, do Missouri”. Conkling discordou, citando motivos pelos quais cada um desses dois candidatos teria dificuldade para conseguir a indicação. Ao avaliar a situação com sua lucidez característica, Lincoln não pôde deixar de perceber alguma verdade no que seu amigo dizia; contudo, depois de ter experimentado tantas decepções, ele não via bem nenhum em dar rédeas a suas esperanças. “Bem, Conkling”, disse lentamente, erguendo toda a sua altura do canapé, “acho que voltarei ao meu escritório para me dedicar à advocacia”.

Enquanto Lincoln lutava para manter as esperanças diante da probabilidade de fracasso, William Henry Seward estava em seu melhor humor. Tinha deixado Washington três dias antes para voltar à cidade de sua residência, Auburn, Nova York, situada na região de Finger Lakes, no Estado

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

